

## O Desvelar da Imagem: análise semiótica de capas de livros do domínio da Ciência da Informação<sup>1</sup>

Jéssica Câmara Siqueira<sup>2</sup>

### Resumo

A partir dos estudos semióticos de Peirce e os trabalhos sobre a teoria da imagem de Santaella são analisadas as capas de livros do domínio da Ciência da Informação, selecionadas pelos critérios de periodicidade (proximidade de publicação); temática comum (livros teóricos sobre a CI); e a diferença de representação imagética em suas capas, a fim de compreender, a partir da interpretação sógnica, como tais meios de comunicação representam a moveidça área da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Imagem; Semiótica; Peirce; Ciência da Informação.

### 1. O estudo da imagem

A imagem é um meio de expressão humana que acompanha o homem desde os primórdios, quando ainda na pré-história se faziam pinturas em parede como formas de representação de ações e emoções do homem primitivo. Mesmo com a escrita e propagação da palavra humana a investigação das imagens acabou sendo feita por diversas disciplinas, o que lhe deu um caráter interdisciplinar. Dessa forma, seus objetos de estudo são tanto gêneros imagéticos tradicionais, como a pintura e a fotografia, como as mídias imagéticas que se instauraram a partir do século XX.

Houve inúmeras definições de imagens ao longo do tempo. Segundo Zunzunegui (1995: 22) na época de Platão associava-se às imagens como sombras ou fantasmas, tendo como base a ideia de representação e reflexo especular. É só no século XX que se pode falar de imagem relacionada a um suporte da comunicação visual que se materializa em um

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido durante o período de graduação da autora.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciência da Informação pela ECA (USP) 2010-2012; Especialização em Arquivos pelo IEB (USP) 2009; Graduação em Biblioteconomia pela ECA (USP) 2009; Graduação em Letras pela Universidade de Marília 2002.

fragmento do universo perceptivo, e que possui o caráter de prolongar sua existência no decorrer do tempo, sendo, portanto uma definição ligada a ideia de materialidade e independente em relação aos temas e objetos representados.

Segundo Èmile Benveniste (Santaella, 1999:13), as imagens são um sistema semiótico em que falta uma metasemiótica, ou seja, enquanto a língua pode servir tanto a si mesma como a um meio de comunicação, por seu caráter metalinguístico, a imagem não serve como um meio em si mesma. Nesse viés o discurso verbal torna-se necessário para o desenvolvimento de uma teoria da imagem, porém, para Peirce (Santaella, 1999:14) é o código verbal que não se desenvolve sem imagens, ou como ele determina, iconicidade.

De forma genérica podemos dividir o universo das imagens em dois domínios, segundo Santaella (1999): o primeiro corresponde às imagens como representações visuais, ou seja, objetos materiais que representam nosso ambiente visual (desenho, pintura, gravura, fotografia). Já o segundo diz respeito ao domínio imaterial, onde as imagens aparecem como visões, fantasias, modelos, ou seja, representações mentais. Ambos os domínios não aparecem de forma separada, já que estão intimamente interligados, tendo como conceitos unificadores o signo e a representação. Além disso, há duas ciências vizinhas que estudam as representações visuais e mentais, a Semiótica e as Ciências Cognitivas.

No âmbito deste trabalho trataremos as imagens sob a perspectiva semiótica. Para isso é importante definirmos o conceito de representação, considerada uma ideia chave na área desde a época da escolástica, e que nos últimos anos ganhou espaço nas ciências cognitivas. Enquanto no mundo cognitivo a representação é um processo em que se imbricam os mecanismos visuais e mentais, sendo, portanto uma capacidade de captar interpretar e representar uma informação (Toutain, 2007: 91), na semiótica há uma tentativa de definição do termo, que não adquiriu um consenso geral, mesmo que esteja atrelado ao signo. Assim, o substantivo abstrato representação caracteriza uma função sígnica, já que em seu âmbito conceitual se estenda até a relação de objeto ou até a função referencial sígnica.

Em sua primeira fase, Peirce caracteriza a semiótica como “a teoria geral das representações”, usando ora o termo signo ora representação. Já em sua fase mais tardia caracteriza representação como um processo de apresentação de um objeto a um intérprete de um signo, ou simplesmente a relação entre o signo e o objeto, introduzindo um terceiro termo o *representamen* (Santaella, 1999:17). Para ele o *representamen* seria usado quando

se quer diferenciar aquilo que se representa (representamen) do ato ou a relação de se representar (representação).

Diante disso, segundo Santaella (2001:191) o signo funciona como um mediador entre o objeto e o efeito que ela está apta a produzir em uma mente, já que de alguma forma representa o objeto. Porém o signo só pode representá-lo porque o objeto determina o signo, todavia embora o signo seja determinado pelo objeto, este último só é acessível pela mediação do sujeito, sendo assim uma das razões em que não se pode dispensar a representação. Peirce genericamente define o signo como: “qualquer coisa que determina alguma outra (seu interpretante) para referir-se a um objeto ao qual o mesmo se refere (seu objeto); desta maneira o interpretante se converte por sua vez em um signo *ad infinitum*” (Peirce, 1987: 274).

Peirce identifica três classes de signo: o ícone, o índice e o símbolo. Os ícones são quali-signos que se reportam a seus objetos por similaridade, sendo que só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a outra qualidade. Os índices diferentes dos ícones se fundamentam a partir de uma existência concreta, ou seja, seu objeto imediato é a maneira como o índice é capaz de indicar algo existente, o objeto dinâmico que mantém uma conexão existencial. Já os símbolos têm uma ação mais complexa, pois se fundamentam a partir do legi-signo, ou seja, leis que operam condicionalmente, estabelecendo convenções (Santaella, 2002: 21).

## 2. Análise das capas de livros do domínio da Ciência da Informação

Para a análise semiótica das capas de livros do domínio da Ciência da Informação foram selecionadas três obras referencias da área, escolhidas pelos seguintes critérios: periodicidade, dois livros do mesmo ano e um com uma diferença pequena de três anos; temática comum, os três são livros teóricos sobre a CI; e a diferença de representação imagética, ou seja, buscamos capas que retratassem perspectivas distintas da área.

O percurso para a análise segue os preceitos peirceanos (Romanini, 2006: 65): inicia-se pelo olhar fenomenológico, que perscruta nossa capacidade contemplativa correspondente à percepção dos fenômenos ao nosso redor (quali-signo); é seguido pelo olhar observacional, que distingue as partes do todo, e identifica de modo singular aquilo que o signo corporifica (sin-signo); e por último considera uma perspectiva mais abstrata do fenômeno observado, procurando generalizá-lo e localizá-lo em uma classe geral (legi-signo).

## 2.1. Análise semiótica da capa de “Ciência da Informação” (Le Coadic)

A primeira capa analisada é da obra de Ives-François Le Coadic, *Ciência da Informação*, datada de 2004. Em linhas gerais a obra trata sobre os paradigmas e princípios da Ciência da Informação, enfocando-se seu caráter recente e interdisciplinar. Abaixo a imagem da capa:

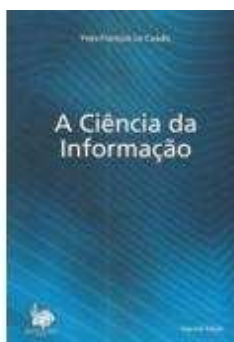


Imagem 1- Capa do livro Ciência da Informação de Le Coadic

Ao observar a imagem o primeiro aspecto que se ressalta é o qualitativo, evidenciado pela cor azul. Assim como ao contemplar uma obra de arte, a capa estimula um efeito estético, marcado pelas nuances da cor azul que não corporifica nenhum objeto, ou seja, deixa em aberto nossas cadeias associativas de semelhança com quaisquer formas existentes, o que define o caráter da iconicidade.

Peirce (Santaella, 2002:18) divide os signos icônicos em três níveis: a imagem, que estabelece uma relação de semelhança com seu objeto puramente no nível da aparência; o diagrama, que representa seu objeto por similaridade entre as relações internas exibidas pelo signo e aquelas internas do objeto; e a metáfora, que aproxima duas coisas distintas (representante e representado), produzindo um “rastros” de identidade.

No caso da obra de Le Coadic, se consideraremos o contexto conjuntural do período de feitura e publicação da obra, em que o estudo da área da Ciência da Informação estava ainda impreciso, tanto por seu caráter interdisciplinar - o que dificulta uma sistematização do campo - como pelo contexto pós-moderno que também dificulta a delimitação de fronteiras, podemos afirmar que prevalece o nível icônico da metáfora. Assim, a ausência de uma forma para a apreensão da cor azul, que também tem um caráter sígnico representativo, sugere uma aproximação com o caráter impreciso, ambíguo e multifacetado do campo da CI, o que determina uma metáfora.

Sobre a recepção cromática do azul, Guimarães (2000: 20) explica que quando a informação cromática é transmitida ainda não constitui um signo. Para isso ela deverá ser recebida pela nossa visão, atualizada pela percepção, e por fim interpretada por sua materialidade, a partir de códigos construídos por estruturas pré-existentes em nosso cérebro, resultado de nosso conhecimento de mundo e dos sistemas informacionais transmitidos hereditariamente.

Segundo Guimarães (2000: 65) a cor azul está compreendida nas faixas de 440mμ a 480mμ de ondas, de caráter primário e frio, geralmente é utilizada em tratamentos para alívio de tensão ou traumas, por estimular a baixa pressão arterial. Fisicamente ainda possui uma capacidade concêntrica de atrair a visão para seu centro, mesmo que também permita uma visão de maior distanciamento, por evocar o imaterial. Está associada em muitas culturas às celebrações místicas e metafísicas, funcionando assim como um símbolo de sabedoria. Há culturas que também a associam à tristeza ou obscuridade, por conotar o imaginário e o inacessível.

No caso da capa escolhida temos dois tons de azul, um mais claro e outro mais escuro que nos remetem a momentos mais constitutivos e outros mais imprecisos da área da CI. Ao mesmo tempo, a escolha pelo azul marca uma tentativa de enxergar uma maior profundidade do campo, que assim como foi falado anteriormente ainda está delineando uma forma como ciência social aplicada.

Além do quali-signo evidenciado pela cor azul, temos alguns desenhos de linhas diagonais e concêntricas que nos remetem a imagem de uma digital humana, o que poderíamos denominar como um índice. Diferente do primeiro caso, em que associamos certa similaridade entre a disformidade e as nuances do azul com ao contexto da CI, evidenciando a iconicidade; no caso das digitais há uma representação de algo de existência concreta, logo o índice é capaz de indicar o objeto com o qual possui uma conexão existencial.

É importante ressaltar que tal interpretação sígnica deve considerar o papel dos receptores, já que a mensagem em si não significa até que alguém a interprete. Dessa forma a interpretação da mensagem pode levar em conta três níveis: os efeitos interpretativos puramente emocionais, geralmente desenvolvidos por receptores que podem olhar a capa sem ter nenhum conhecimento da área ou pretensão de fazer uma análise mais detalhada de seu escopo, apenas motivados por uma sensação estética; os efeitos reativos, que partem de uma ação, geralmente desenvolvidos por receptores que se dispõem a buscar

determinada obra ou assunto, procurando estabelecer conexões diretas com seu conhecimento de mundo; e a interpretação lógica, que exige um receptor aberto e apto representar ideias e compreender convenções da área.

## 2.2 Análise semiótica da capa Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação (Suzana Mueller)

A segunda capa analisada é o livro Suzana Mueller, *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*, datado de 2007. Assim como o primeiro também tem uma natureza teórica, só que voltada à discussão de metodologias para o estudo da Ciência da informação. Abaixo temos a imagem da capa:

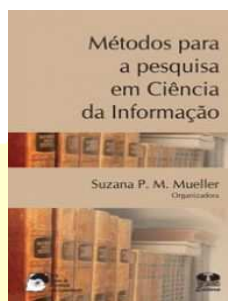


Imagem 2- Capa do livro Métodos para a pesquisa em CI de Suzana Mueller

Considerando o aspecto qualitativo, estimulado num primeiro olhar, notamos a imagem de um conjunto de livros organizados em fileiras que se sobressai de um fundo neutro, imagem que nos sugere a ideia de “conhecimento” e “cultura”. Mesmo que o conceito de conhecimento atualmente tenha outros referenciais, principalmente por conta do surgimento e difusão de outras mídias e tecnologias, o objeto “livro” no suporte papel, ainda é sinônimo de conhecimento e cultura.

É claro que vale ressaltar que a escolha para tal representação para a capa do livro demonstra uma associação direta a um paradigma mais formal e tradicional de pesquisa, que prioriza a consulta em materiais bibliográficos no suporte de papel. Assim, mesmo falando de CI, que teoricamente está inserida num contexto pós-moderno pleno de manifestações midiáticas e tecnológicas em diversos suportes, escolhe-se apenas como representativo o livro para ser referente direto da ideia de pesquisa na área de CI.

No segundo nível de análise, por ser uma fotografia, observamos a evidência do caráter indicial, já que a imagem capturada na foto corresponde a livros que têm uma



existência concreta. Mesmo que o sin-signo se destaque nessa representação, por ser uma fotografia traz também latente a presença do ícone, pois ao associarmos livros com a ideia de conhecimento estamos estabelecendo o caráter da similaridade, o que determina a natureza do quali-signo.

Analisando os aspectos qualitativos da imagem notamos que de forma geral predomina o tom pastel, de caráter neutro, tanto do fundo, que tem a função de dar maior visibilidade a foto e aos créditos de autoria e título escritos em negrito, como a própria imagem que aparece em tons de amarelo e marrom próximos da tonalidade do fundo. O efeito esfumado, que dá maior nitidez aos livros da frente e gradativamente vai deixando menos nítido os livros mais distantes do campo de visão, dão um efeito de ampliação da imagem, como se a prateleira de livros fosse infinita, “impossível de se alcançar com a visão”.

Outro aspecto revelador é a questão da uniformidade tanto cromática, como na organização dos livros, o que nos remete a ideia de padrão, como se a organização do conhecimento pudesse ser, assim como os livros, “um acúmulo de saber”. A própria escolha por uma coleção de livros, com a lombada similar, o que parece ser uma coleção de enciclopédias, reforça a ideia de uniformidade e também de conhecimento que pode ser “delimitado em verbetes”.

Ao fazermos tais considerações, numa tentativa de generalização da leitura da imagem, estamos na esfera do legi-signo, que tenta abstrair o geral do particular. As ideias de uniformidade, controle, padrão reforçam o paradigma positivista, marcado por uma tradição de pesquisa lógico-racional e delimitadora, diferente do momento histórico-social que vivemos hoje, pleno de incertezas, ambiguidades e fragmentações. Assim, notamos que a escolha do livro para representar o conhecimento revela uma tentativa de se apegar a maior estabilidade do paradigma positivista, em detrimento ao “caos” do paradigma pós-moderno, demonstrando um viés mais tradicionalista da pesquisa em CI.

### 2.3 Análise da capa da obra *Ciência da Informação abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações* (Virgínia Bentes org.)

A terceira obra analisada é um conjunto de artigos organizados por Virgínia Bentes Pinto, Lúcia Cavalcanti e Casemiro Silva Neto, *Ciência da Informação-abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações*, publicada em 2007. O assunto geral também é

uma abordagem teórico-metodológica da CI, só que com ênfase no viés interdisciplinar dessa ciência social aplicada. Abaixo temos a imagem da capa:



Imagem 3- Capa do livro *Ciência da Informação-abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações* de Pinto, Cavalcanti e Silva Neto (org).

Publicado no mesmo ano que a obra de Suzana Mueller, notamos que diferente da anterior, esta traz outros referenciais. O fato de trazer três ícones: a Terra, um satélite e uma página da web, já colocam a obra numa esfera mais próxima dos valores pós-modernos. A imagem da Terra por representar o mundo, que cada vez mais está desterritorializado; o satélite por representar a comunicação e a inter-conexão mundial; e a página da web como outro fator de comunicação e tecnologia.

Além dessas associações que fazemos ao nos depararmos com a capa, podemos analisar mais pormenorizadamente os aspectos do quali-signo. A cor, por exemplo, se subdivide em três partes: na parte superior com o azul, destacando, como já foi comentado, a ideia de “conhecimento” e “intelectualidade”, também funcionando subliminarmente para reforçar os nomes dos autores, que “coincidentemente” estão na parte superior. No centro há várias cores, com destaque novamente para os tons de azul e os contrastantes preto e branco, que em nossa cultura representam iniciação, transformação e pureza (branco) e prudência, sabedoria e luto (preto), dicotomia que também pode ser associada ao momento ambíguo e de transição de paradigmas. E na parte inferior, como se representasse a base, ou o passado temos o tom pastel, que deixa se sobressair o título, em vermelho, que como maior saturação de onda torna-se um limite visual, que representa energia e força, caracteres que procuram dar maior valoração à área da CI.



Quanto ao aspecto do sin-signo, além da fotografia no centro que remete a elementos de existência concreta - planeta Terra, satélite e página da web - temos ainda ocupando toda a página uma marca d'água numa fonte medieval, como se fosse uma página de um livro ainda transcrito pelos religiosos da Idade Média. Tal referência indicial preenchendo toda a capa, mas ao fundo, nos remete ao livro e todo o arcabouço de conhecimento que ele representou durante séculos para humanidade. Mesmo com as novas tecnologias e formas de apreensão do conhecimento, a presença do livro não é esquecida, só que diferente da representação que observamos na capa de *Métodos de pesquisa em CI*, que se destaca o suporte livro, aqui se evidencia o conteúdo do livro, que tanto pode estar num precioso exemplar em uma biblioteca, como reproduzido digitalmente na web.

Outro fator que chama atenção na montagem fotográfica, além da junção do Planeta Terra com o satélite referenciando comunicação e tecnologia, temos a imagem de uma página da web, que parece estar delimitada por um formato circular e esfumado, que em relação às imagens ao seu lado foi ampliada, o que nos remete ao recurso de uma lupa. O fato da página da web, que tem um nível de existência menos concreto que a massa do Planeta Terra ou o peso de um satélite, questiona os limites lógico-rationais, e instaura um redimensionamento de visão, ampliando as fronteiras da web.

De forma geral, numa perspectiva simbólica a capa traz uma referência dicotômica temporal do passado (marca d'água do livro medieval e lupa) e do presente (satélite e página da web), que juntos acabam se interpenetrando e compondo a imagem da capa. Num nível mais abstrato, poderíamos dizer que também representam a ideia de fragmentação e rompimento de fronteiras, caracteres do paradigma pós-moderno que nesta capa de livro se sobressai.

## Considerações Finais

Ao analisarmos as três capas de livros da área da CI, considerando principalmente os aspectos do quali-signo, sin-signo e legi-signo, podemos tecer algumas considerações. A primeira obra, publicada em 2004, predomina o aspecto icônico, já que pelo caráter mais abstrato da imagem, apela-se para a sugestão e sensibilidade do receptor. A segunda e a terceira obra são datadas do mesmo ano, 2007, mas incorporam diferentes nuances, sendo que na segunda destaca-se mais o aspecto indicial mais próximo do paradigma da positividade, enquanto a terceira obra também evidenciando o aspecto icônico, ressalta a ambiguidade do paradigma do pós-moderno.

Mesmo olhando as duas obras que evidenciam a perspectiva pós-moderna, a capa de Le Coadic e a de Bentes, notamos que cada uma escolhe um viés. Enquanto a primeira representa mais diretamente as incertezas do campo e a busca por uma identidade, representados pela mancha azul sobreposta das marcas de digitais; na outra obra, a montagem fotográfica que associa diferentes ícones, evidencia o momento de transição da área, em que passado e presente convivem, até o futuro ser delineado.

Outro fator interessante de se ressaltar é que como as capas dos livros têm um explícito potencial publicitário, por representam um produto e através de seu potencial comunicativo estimularem ou não a compra de um livro, fica latente a relevância da escolha sígnica para sua composição. Assim a esperada semiose só ocorrerá se o conjunto de recursos sígnicos empregados em sua composição realmente forem apreendidos e aceitos pelo receptor.

Na análise feita consideramos um receptor que tenha algum conhecimento da área, para que possa fazer uma “leitura menos ingênua”, ou seja, que tenha alguns dos referenciais do campo de estudo, bem como uma ideia do contexto histórico-social contemporâneo, para poder fazer as possíveis associações sugeridas aqui. Mas é evidente que se tomássemos como referência outro perfil de receptor teríamos outro tipo de leitura, pois além do contexto-histórico cultural, que até poderia ser o mesmo, o conhecimento de mundo de cada indivíduo é singular e traz consigo outros referentes. Tal constatação nos faz perceber a análise semiótica não requer apenas de elementos lógicos e racionais, mas também emotivos, ativos e reativos, resultados de nossas habilidades cognitivas e sensórias.

Para finalizar podemos dizer que a proliferação de signos, bem como sua interconexão no contexto pós-moderno, a exemplo da hipermídia com a multiplicidade de fluxos e interações sígnicas, abre espaço para estudos que procurem entender tais diálogos, a fim de compreender como os signos agem nesse contexto movediço e polivalente que nos encontramos. Este trabalho, portanto foi uma tentativa de compreensão das relações sígnicas representadas em capas de livros teóricos da área da CI.

## Referências Bibliográficas

BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L. E.; SILVA NETO, C. (Org). *Ciência da informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações*. Fortaleza: Ed. UFC, 2007.

GUIMARÃES. Luciano. *A cor como informação - a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Anna Blume, 2000.

LE COADIC, I.F. *A ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MUELLER, Suzana P. M. (Org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo, Cultrix, 1987.

ROMANINI Anderson Vinícius. *Semiótica minuta- especulações sobre a Gramática dos signos e da Comunicação a partir da obra de Charles Sanders Peirce*.(Tese de Doutorado).Universidade de São Paulo: São Paulo,2006.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria geral dos signos - como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

\_\_\_\_\_.*Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

\_\_\_\_\_. *Matrizes da linguagem e pensamento-sonoro, visual e verbal*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TOUTAIN, Lidia Maria. *Para entender a CI*. Salvador: UFBA, 2007.

ZUNZUNEGUI, Santos. *Pensar la imagen*.3ªed. Catedra Universidad Del Pais Vasco: Madris, 1995.